

RELAÇÕES CULTURAIS E DE IDENTIDADE DOS GUATÓ NO CONTEXTO DA FRONTEIRA

Jorlanda Saraiva Nogueira Coutinho, Mestrado em Estudos Fronteiriços (UFMS).
nogueira_gt@yahoo.com.br

Resumo O presente artigo tem como objetivo compreender as questões de identidade dos povos Guató sob a perspectiva de sua localização territorial e seu contexto fronteiriço. Entendendo a fronteira como um espaço complexo de relações e interações dos mais variados grupos. Assim realizar uma discussão sobre as relações estabelecidas por esses povos na fronteira e sua atuação social ora com os portugueses (brasileiros), ora com os espanhóis(bolivianos e/ou paraguaios). O período a ser analisado vai da eclosão da Guerra do Paraguai em 1864 à 1911, onde foi assinada a lei de demarcação das fronteiras Brasil- Bolívia.

Palavras- chave Guató, identidade, fronteira.

Resumén Este artículo tiene como objetivo comprender los problemas de identidad de Guató desde la perspectiva de su ubicación territorial y su contexto frontera. La comprensión de la frontera como un complejo de relaciones e interacciones de espacio varios grupos. Así que celebrar un debate sobre las relaciones establecidas por estas personas en la frontera y sus actividades sociales ahora con el portugués (brasileño) , ahora con el español (Bolivia y / o Paraguay) . El período a analizar será la guerra del Paraguay de la epidemia en 1864 para 1911, donde firmó la ley de Brasil - Bolivia demarcación fronteriza

Palabras clave Guato, identidad, frontera.

Introdução

Os Guató, constituem um povo indígena estabelecido na região do Pantanal desde os tempos pré- colombianos. Os primeiros registros textuais sobre eles recuam ao século XVI, precisamente à década de 1540, quando o conquistador espanhol Alvar Núñez Cabeza de Vaca esteve na região na condição de *adelantado*, a serviço do rei da Espanha.

Com a extinção das tribos Guaxarapós e Payaguás, os Guató ficaram conhecidos, historicamente, como últimos índios canoieiros por excelência, do Pantanal. Vivem quase sempre sobre a água, em suas canoas usadas para o

transporte, e constroem habitações de características simples nos aterros ao longo do curso dos rios.

Por muito tempo foram livres e independentes em seu território. Viviam na Ilha Bela Vista, território que atualmente é fronteiro com a Bolívia, até que no começo do século XX os interesses agropecuários se expandiram para a ilha e começou então uma série de conflitos que culminou com a dispersão desses povos, hoje encontra-se muitos Guató vivendo na periferia de Corumbá e de outras cidades próximas como Ladário e Puerto Quijarro.

Forçados a se deslocarem para centros urbanos da região, encontram então um novo desafio: se adaptar a um outro modo de vida (trabalho assalariado, aluguel de moradia, compra de alimentos em mercados e o preconceito étnico- racial). E então nas cidades eles sofrem uma descaracterização de sua cultura, que acontece na maioria das vezes de forma involuntária. MANGOLIM(1993)

Cada povo indígena estabelece uma relação bem peculiar com seu território ocupado, com seus antepassados e com sua terra, seu modo de viver e cotidiano são baseados na forma em que a terra pode lhes oferecer de mecanismos de sobrevivência. Os Guató são conhecidos por serem povos canoeiros do pantanal, vivendo isoladamente na região com suas famílias nucleares, esses povos tem toda a sua cultura desenvolvida e criada a partir da sua vivência na Ilha. Todos os seus hábitos estão relacionados com o seu ambiente. Hoje vivem uma história de lutas pela demarcação de suas reservas e poderem então voltar para sua ilha. Atualmente a ilha está como propriedade do Exército, pois o governo federal a julgou como território estratégico no contexto fronteiro.

Não podemos deixar que nossos povos indígenas tenham suas histórias esquecidas e acabem se perdendo no meio dessa “integração” que muitos vem sofrendo quando migram para os centros urbanos em busca de melhores condições de sobrevivência, já que foram expulsos de seus territórios pelos interesses agropecuários e muitas vezes com o apoio do próprio estado.

Objetivos

O principal objetivo deste estudo é a compreensão da cultura dos povos Guató, no sentido estrito de que é preciso conhecer suas relações identitárias, incluem-se aí também suas relações no contexto com a fronteira e o seu sentimento

de pertencimento. Elenco como fundamental essas relações desses povos indígenas em especial, e suas formas de compreensão com a comunidade em que vivem, e como são percebidos enquanto índios. O período de delimitação temporal está entre a eclosão da Guerra do Paraguai e vai até a demarcação oficial das fronteiras Brasil- Bolívia em 1911.

No que se refere aos objetivos específicos temos as seguintes indagações a serem aprofundadas no decorrer da pesquisa.

Identificar as relações fronteiriças e de lutas dos índios Guató. Qual o posicionamento dos Guató e suas relações com os espanhóis e portugueses no contexto fronteiriço. Perceber seu papel como agentes de repulsão ou de aproximação com os colonizadores.

Analisar as alianças políticas que os Guató fizeram ao longo de sua história, seja ela com outros povos indígenas ou até mesmo com os colonizadores, “os homens branco”, e a partir dessa análise buscar compreender a atual situação dos povos Guató.

Aprofundar os estudos sobre as populações indígenas do chaco matogrossense, em especial os Guató, procurando assim estudar suas práticas culturais e relações identitárias em relação a comunidade em que vivem.

Relações Culturais e de Identidade dos Guató.

Sadjuguiakam, Francolina Rondon ou Dona Negrinha são nomes que servem para identificar uma mesma pessoa, essa senhora que optaremos por chamá-la de Dona Negrinha é uma figura emblemática nas discussões sobre cultura, memória e identidade Guató.

Nascida em 1910, filha de uma Guató e pai negro. Dona Negrinha sente na pele a diferença de sua cor perante aos demais na comunidade. Essa situação em nada tem a ver com a indianidade e o sentimento de pertencimento ao povo Guató, por ela nutrido até seus últimos dias. EREMITES (1996). Tal fato se fundamenta porque a etnicidade e a identidade étnica não se relaciona com a ideia de raça ou qualquer outra conotação biológica.

Dessa forma Dona Negrinha se constitui como uma Guató, pois ela viveu como tal, forjando e sendo forjada no meio, ela dominava a língua e todo o universo simbólico da cultura de seu povo. Ao se casar com um índio Guató, esse casamento passa a ter uma representação simbólica para a comunidade, pois é a manutenção de sua inserção no grupo.

Outra referência identitária pode ser percebida através dos discursos de alguns Guató e até de Dona Negrinha, ao se referir a outros povos indígenas, os denominam de bárbaros. Ora, nada mais é do que a externalização, ainda que inconsciente ou não, do seu sentimento em relação ao outro, ao que está fora de seu grupo ou meio social. Os outros povos indígenas são bárbaros, através de uma construção do outro é que nós o denominamos.

A experiência construída a partir das entrevistas com Dona Negrinha permite, portanto, assegurar que a produção das fontes orais se consolida, sob o princípio de que entrevistar é estabelecer um diálogo, uma interlocução, em que atos e movimentos de entrevistas produzem sentidos paralelos à própria narrativa gravada (Leite, 2007 APUD 2012). Devemos deixar claro que são as percepções de Dona Negrinha, de sua história e vivência como elemento constituinte dos Guató. Portanto, não se traduz de forma totalizadora, especialmente porque a história do grupo é singular.

No caso dos Guató há outro ponto a ser analisado, a sua desterritorialização, ou seja, a expulsão da maioria dos indígenas de seu território original, o Pantanal. Dessa forma foram ocupados outros territórios e obrigados a se adaptarem a um novo modo de vida, o que acaba por levar a uma gradativa descaracterização de sua cultura e dispersão de seu povo. E isso ocorre com mais força e nitidez para os Guató, pois eles tem uma ligação relação muito forte com seu território e com os rios de onde tiravam seu sustento. Para eles o rio é uma entidade, a sua noção de rio vai além do simples conceito abstrato. Os rios são considerados como seus irmãos, pois além de saciarem a sede, neles corre a água que é líquido da vida e, principalmente, são fontes de subsistência para seu povo.

Os Guató e os agentes colonizadores na fronteira.

Os antigos registros sobre as alianças que os Guató mantiveram com os portugueses e brasileiros remontam desde os tempos coloniais. Essa aliança ocorreu desde a primeira metade do século XVIII, quando os bandeirantes paulistas descobriram ouro no leito dos rios Coxipó e Cuiabá. Essa aliança durou até depois da guerra com o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864-1870), quando os Guató participaram do conflito bélico ao lado das tropas imperiais.

Essa situação foi de fundamental importância para a anexação da região pantaneira ao Império Português, e posteriormente ao território nacional. Na prática os Guató funcionavam como muralhas para evitar que povos inimigos, como os Payaguá e até mesmo os espanhóis, atacassem os conquistadores lusitanos e seus aliados. EREMITES (2012)

Um olhar que devemos ter para essas alianças é o da busca de satisfação de seus objetivos, tanto os povos indígenas quanto os brasileiros, paraguaios e bolivianos tinham seus interesses e eram movidos pelos mesmos. A duração de certas alianças de maneira geral se dá de forma muito tênue. Possivelmente existem exceções e grupos indígenas que demonstram uma fidelização maior para com seu aliado.

Nas narrativas orais de Dona Negrinha ela afirma que a presença dos Guató em Corumbá funcionava como uma espécie de posto que visava impedir a circulação de outros grupos “bárbaros”, que viviam na região. Tal afirmação evidencia uma certa continuidade de alianças firmadas entre os Guató e os portugueses/ brasileiros.

Sobre as alianças registrou o general José Vieira Couto de Magalhães, presidente da província durante a guerra.

[...] Conserva esse povo até hoje grande animosidade contra os espanhóis; e um velho prático referia-me sempre, como se fora passado poucos dias antes, um roubo que os espanhóis haviam feito de mulheres Guató, e que talvez já datasse de mais de cem ou duzentos anos. Para eles os paraguaios continuam a ser castelhanos, assim como nós continuamos a ser portugueses. Quem sabe se não foram essas mulheres, roubadas há tanto tempo, a razão da extrema fidelidade que

nos guardaram sempre esses selvagens que, forçados desde o princípio da guerra a passar muitas vezes pelas rondas paraguaias, nunca denunciaram nossos movimentos ou presença nem por gesto? O Dr. Carvalho, distinto médico do exército, que, acossado pelo inimigo no combate do Alegre, viu-se obrigado a refugiar-se entre os Guatós, que com eles errou por muito tempo, e que, portanto, teve espaços e vagar para notar seus costumes, insistia em suas narrações sobre o singular recato, modéstia e honestidade da família Guató (C. de Magalhães, 1873, p. 480-481; 1975 [1876], p.78-79 e 114-115) [grifo meu]

A partir da leitura do trecho acima, fica evidenciado no discurso do general Magalhães que os Guató tinham seus motivos para a fidelidade em relação aos brasileiros, ou portugueses, como eles insistiam em chamar.

Outro ponto interessante a ser observado é a visão dos indígenas, em especial os Guató, sobre a questão das nacionalidades dos “homens branco”, ora para eles não faziam muita diferença se eram portugueses ou brasileiros, ainda mais nesse período onde o sentimento de brasilidade ainda estava em formação. Em contrapartida os Guató sabiam distinguir entre espanhóis e portugueses e como e com quem fazer alianças para seu benefício.

Considerações Finais

O amplo debate sobre o tema não tem como objetivo esgotar as temáticas recorrentes. Ao contrário, a sua pesquisa contribui para que se conheça melhor a realidade de uma região pouco conhecida e de difícil acesso, bem como as condições de um povo que embora nos documentos oficiais tivesse sido considerado extinto, sobrevive e continua sua luta pela conquista de seus direitos e pelo reconhecimento da comunidade internacional face às problemáticas enfrentadas ao longo de sua história.

Nesse contexto se torna fundamental para a preservação cultural desses povos indígenas e o fortalecimento de sua luta territorial o estudo sobre eles. Perceber as relações dos Guató no contexto colonizador e de formações fronteiriças para o nosso país e qual foi o papel desempenhado por eles nesse contexto de relações sociais. Entendendo assim o processo de delimitação de nossas fronteiras e as relações com os povos que nela habita(vam).

Referências Bibliográficas:

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais. Histórias dentro da História.** IN: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2006.

ASSÊNCIO, Natalina Sierra Costa. **Língua, Cultura e Sociedade Guató.** Revista Philologus, Ano 19, Nº 55. Rio de Janeiro: CiFEFil, jan./ abr. 2013- Suplemento.

BELTRÃO, Ana Raquel. **Patrimônio cultural: novas fronteiras.** IN: Revista Prim@. Facie, ano1, n.1, jul/dez, 2002.

COSTA, Edgar Aparecido da; BASUALDO, Patrícia. **Cultura e Patrimônio na Perspectiva das Fronteiras.** IN: Revista Fronteiras: Conflitos, Integração e Políticas Públicas. Campo Grande: Editora UFMS, 2011.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge Eremites de. **A história Indígena no Brasil e em Mato Grosso do Sul.** IN: Revista Espaço Ameríndio. Acessado em: <http://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/viewFile/31745/23717>

_____, **Os argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense.** 1995.2010f. Dissertação (Mestrado em História/ Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [1995]

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE, Eudes Fernandes; EREMITES, Jorge de Oliveira. “ **Faço parte da história desse jeito!”: componentes da memória e da identidade de uma indígena guató.** Revista Tellus, ano 12, n. 23, p. 127-146, jul/dez. 2012.

MANGOLIM, Olívio. **Povos Indígenas no Mato Grosso do Sul. Viveremos por mais 500 anos.**Campo Grande: CIMI,1993.

MACHADO, Marco Aurélio de Oliveira; RAMALHO, André Júnior; MORAES, Lourival Monteiro de; NETO, Antônio Firmino de Oliveira. **Fronteira: um lugar de ambiguidade, conflitos e soluções.** IN: Revista Fronteiras: Conflitos, Integração e Políticas Públicas. Campo Grande: Editora UFMS, 2011

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. **Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Ed UFMS, 2006.

PADOIN, Angel Nunes Maria; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado (org). **Dilemas e diálogos platinos: Relações e práticas socioculturais**. Dourados:Ed UFGD, 2010.

RIBEIRO, D. **Culturas e línguas indígenas do Brasil**. Educação e Ciências Sociais. Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, n.6, v.2, p. 5-102, 1957.

RIBEIRO, Marilene da S. **Uma ilha na história de um povo canoeiro: o processo de territorialização e reterritorialização dos Guató na região do Pantanal (século XX)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Dourados, MS, 2005.